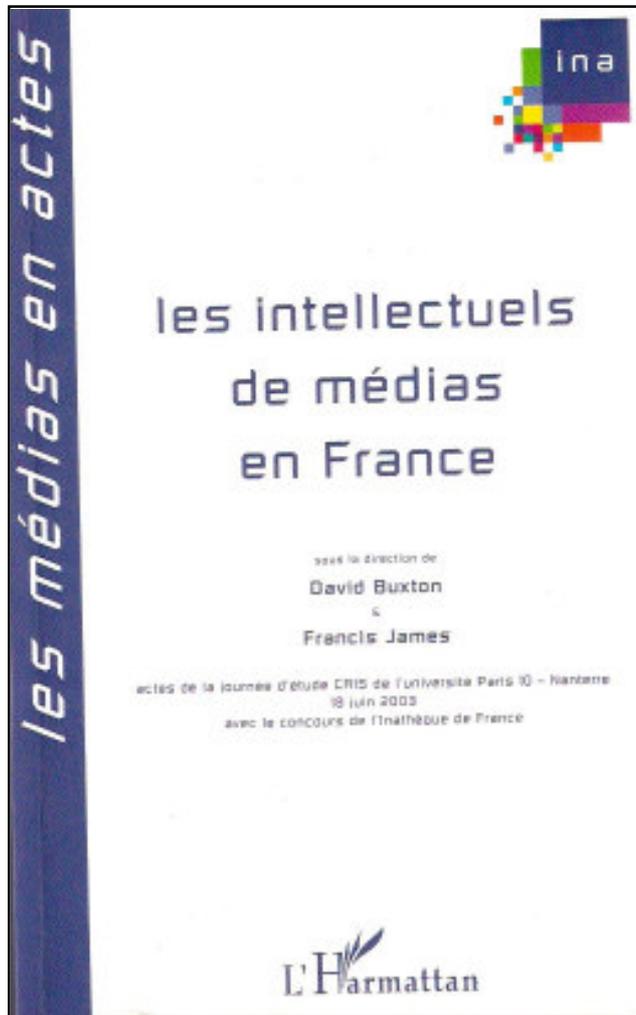


Uma análise sociológica das relações entre a mídia e os intelectuais



BUXTON, David & JAMES, Francis (orgs.). *Les intellectuels de médias en France*. Paris: L'Harmattan, 2005

Fábio Henrique Pereira

Professor do Instituto de Ensino Superior de Brasília Iesb/DF/BR
fabiohpereira_unb@yahoo.com.br

Já faz algum tempo que a presença de nomes como Bernard-Henry Lévy, André Glucksmann, Alain Finkielkraut, Luc Ferry e Régis Debray no espaço público francês é motivo de polêmica. Eles integrariam o grupo dos *intelectuais da mídia* – ou *intelectuais midiáticos* numa acepção mais pejorativa. Sobre essa nova intelectualidade, vários manifestos foram publicados. O mais famoso deles, *Sobre a televisão*, escrito por Pierre Bourdieu se propôs a desvendar as condições de intervenção dos *fast thinkers* no meio televisivo. À análise bourdieusiana somam-se as acusações de Serge Halimi em *Os Novos cães de Guarda* e, mais recentemente, do dossiê *Intellectuels Médiatiques, penseurs de l'ombre* (“Intelectuais midiáticos, pensadores da sombra”), publicado em maio de 2006 pelo *Le Monde Diplomatique*.

Em comum, essas obras tendem a polemizar os efeitos negativos do intelectual midiático no debate público, sem se proporem a analisar a emergência, a identidade e as condições de intervenção dessa categoria. Esse é o grande mérito de *Les intellectuels de médias en France* (“Os intelectuais da mídia na França”). O livro, que combina discussões conceituais e estudos de caso, reúne trabalhos de oito pesquisadores europeus, apresentados em junho de 2003, por ocasião de um seminário realizado na Universidade de Paris 10.

A necessidade de um esforço conjunto de análise se justifica pelas imprecisões do objeto escolhido. Já no texto de abertura (*Un problème de définition*, “Um problema de definição”), David Buxton explica que nem mesmo o intelectual “tradicional” pode ser facilmente enquadrado. “Os intelectuais”, afirma, “não sendo uma classe ou uma categoria social objetivamente definível, [disso resulta que] toda tentativa de definição torna-se funcional ou normativa, ou ainda os dois!” (p.14).

Por isso a necessidade de definir o intelectual midiático dentro de uma perspectiva histórica e sociológica, situando-a no conjunto de transformações que atinge os modos de exercício dessa atividade na França. Em *Gênese et évolution d'une catégorie floue* (“Gênese e evolução de uma categoria imprecisa”), Philippe Riutort busca justamente escapar de uma definição normativa desse objeto, o que daria “a ilusão de uma novidade radical e confere de início uma identidade global a um processo que precisa ser analisado e se liga às condições de transformação – sempre em curso – do exercício da atividade intelectual” (p. 29-30). Assim, o intelectual midiático encanaria os novos constrangimentos impostos à produção cultural, decorrentes do crescimento dos públicos consumidores e do esforço de criação de uma cultura média. O jornalismo também emerge como instância maior de consagração

desse novo intelectual, que se vê obrigado a ajustar permanentemente sua imagem às demandas da audiência.

Gerard Cornu inaugura a seção dos estudos de caso com uma análise da revista *L'Express*. Na seqüência, Francis James, no texto *Foucault, philosophe-journaliste (1926-1984)*, narra a atividade jornalística e o engajamento político do autor de *Vigiar e punir*. Ele explica as relações entre a filosofia de Michel Foucault, como um trabalho de diagnóstico do presente, e o seu projeto de intelectual específico. Foucault, na verdade, busca romper com a figura profética de intelectual, estilo Jean-Paul Sartre. Ele defende a necessidade de um engajamento restrito à sua especialidade acadêmica, embora não descarte o uso de técnicas e procedimentos do jornalismo. Esse modelo seria uma forma de exortar os intelectuais-pesquisadores ao engajamento político, um espaço que já estava sendo ocupado pelo discurso moralizante dos intelectuais midiáticos.

Erwan Poiraud analisa as estratégias de relegitimação do filósofo e escritor Bernard-Henry Lévy, nome freqüentemente associado ao ideal-tipo do intelectual da mídia. “Seu anônimo ‘BHL’ é amplamente conhecido, seu traje de cena (camisa branca grande abertamente identificável, seu estilo enfático e arrebatado) fazem dele um cliente procurado pelos jornalistas³ (p. 136). O autor explica como a posição de Bernard-Henry Lévy no meio intelectual decorre de um conjunto de fatores: o uso da posição editorial e da notoriedade junto aos meios de comunicação; a capacidade de adaptação a diferentes formatos na mídia e a mobilização de redes sociais nos campos intelectual e midiático. Poiraud escreve, ainda, um artigo com Thierry Teboul, onde investigam a participação da intelectualidade francesa durante os debates no conflito na ex-Iugoslávia. Os autores revelam como a aceitação das regras do jogo midiático por esse grupo de intelectuais resulta numa profissionalização de suas intervenções, agora submetidas às injunções do apresentador e à lógica de dramatização do debate público.

Na mesma linha, Antoine Schwartz (*La publication du Rappel à l'ordre et à la polémique sur les “nouveaux réactionnaires”*) e Thierry Teboul (*L'affaire des nouveaux réactionnaires: le retour à l'ordre*) analisam os debates em torno da obra *Rappel à l'ordre* (“Chamada à ordem”). O livro, uma enquête sobre os “novos reacionários” na França, foi publicado em 2002 pelo historiador e jornalista Daniel Lindenberg. Os artigos de Schwartz e Teboul evidenciam a maneira como a polêmica em torno do livro é conduzida e neutralizada pelo *modus operandi* dos meios de comunicação. Eles determinam a estrutura das intervenções intelectuais: suas rotinas, convenções e práticas. Fecham o livro, as análises da trajetória individual de dois intelectuais da mídia: Bernard Tapie, escrita por Philippe Riutort e Alain Minc, de autoria de David Buxton.

Apesar de terem sido extraídos de um seminário, os artigos reunidos em *Les intellectuels de médias em France* partilham de uma unidade teórica e analítica de matriz bourdieusiana. Nesse ponto, existe uma relação entre as trajetórias individuais desses intelectuais da mídia e as

transformações na estrutura do espaço público e do campo de produção cultural na França. Percebe-se um verdadeiro esforço de uma análise da “economia dos bens simbólicos”, sem que isso resulte em posições normativas ou polemistas. Por outro lado, ao adotarem preceitos comuns, esses autores reduzem o escopo de análise apenas ao que pode ser apreendido pela teoria bourdieusiana. De certa forma, o determinismo implícito às dinâmicas de dominação que marcam o campo reduzem a diversidade de posições e de identidades que podem ser encontradas num grupo heterogêneo como o dos intelectuais midiáticos. Nesse sentido, talvez fosse interessante para os organizadores do *Les intellectuels des médias em France* abandonarem um pouco o bairrismo da escola bourdieusiana, abrindo a obra para outras contribuições.

Cabe perguntar qual a aplicação das análises sobre os intelectuais da mídia ao contexto brasileiro. É preciso levar em conta que o *amalgama francês do intelectual*, ou seja, a forma como a sua identidade coletiva se consolidou na França a partir do engajamento no *Affaire Dreyfus* é totalmente diverso do *intelectual à brasileira*. Isso explica a ausência dessa polêmica sobre os intelectuais midiáticos no Brasil, exceção feita talvez ao livro *As Misérias do Jornalismo Brasileiro*, de Juremir Machado da Silva.

Contudo, na medida em que saímos de uma análise centrada na figura do intelectual, para pensar em como ela remete a transformações mais amplas no mercado cultural e midiático, o estudo ganha uma nova dimensão. Numa analogia ao caso francês, o livro ajuda a entender como certas vedetes da produção cultural e intelectual no Brasil devem sua posição a essa rede de relações com os jornalistas e também pela submissão das suas intervenções aos constrangimentos midiáticos. Finalmente, ele disponibiliza ferramentas teóricas e metodológicas aos pesquisadores da área de comunicação interessados na análise do campo midiático. O livro aplica com clareza e competência conceitos da sociologia de Bourdieu, que nem sempre são fáceis de serem assimilados ■ FAMECOS

NOTAS

1. Livre tradução de: “Les intellectuels n’étant pas une classe ou une catégorie sociale objectivement définissable, toute tentative de définition devient fonctionnelle ou normative, voire les deux”.
2. Livre tradução de: “donne l’illusion d’une nouveauté radicale et confère d’emblée une identité globale à un processus qui reste à analyser et s’apparente aux conditions de transformation – toujours en cours – d’exercice de l’activité intellectuelle”
3. Livre tradução de: “Son anonyme ‘BHL’ est largement connu, son costume de scène (chemise blanche grande ouvert) facilement identifiable, son style emphatique et emporté font de lui un client recherché par les journalistes”